

# ESTUDOS FILOLÓGICOS DE DOCUMENTOS DOS SÉCULOS XVIII E XX

Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto  
Carolina Akie Ochiai Seixas Lima  
organizadoras



Pantanal Editora

2021

**Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto**  
**Carolina Akie Ochiai Seixas Lima**  
Organizadoras

**ESTUDOS FILOLÓGICOS DE**  
**DOCUMENTOS DOS SÉCULOS XVIII E XX**

Esta obra teve o apoio financeiro do PPGEL-UFMT



Pantanal Editora

2021

Copyright© Pantanal Editora

**Editor Chefe:** Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

**Editores Executivos:** Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

**Diagramação:** A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

### Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome	Instituição
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos	OAB/PB
Profa. Msc. Adriana Flávia Neu	Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois	UO (Cuba)
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior	IF SUDESTE MG
Profa. Msc. Aris Verdecia Peña	Facultad de Medicina (Cuba)
Profa. Arisleidis Chapman Verdecia	ISCM (Cuba)
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva	UFESSPA
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo	UEA
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu	UNEMAT
Prof. Dr. Carlos Nick	UFV
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia	AJES
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos	UFGD
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva	UEMS
Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos	IFPA
Prof. Msc. David Chacon Alvarez	UNICENTRO
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira	IFMT
Profa. Dra. Denise Silva Nogueira	UFMG
Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão	URCA
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves	ISEPAM-FAETEC
Prof. Me. Ernane Rosa Martins	IFG
Prof. Dr. Fábio Steiner	UEMS
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza	UFF
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez	(Colômbia)
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles	UNAM (Peru)
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira	IFRR
Prof. Msc. Javier Revilla Armesto	UCG (México)
Prof. Msc. João Camilo Sevilla	Mun. Rio de Janeiro
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales	UNMSM (Peru)
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski	UFMT
Prof. Msc. Lucas R. Oliveira	Mun. de Chap. do Sul
Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela	IFPR
Prof. Dr. Leandris ArgenteL-Martínez	Tec-NM (México)
Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan	Consultório em Santa Maria
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann	UFJF
Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior	UEG
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos	FAQ
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla	UNAM (Peru)
Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira	SEDUC/PA
Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira	IFPA
Profa. Dra. Patricia Maurer	UNIPAMPA
Profa. Msc. Queila Pahim da Silva	IFB
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty	UO (Cuba)
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke	UFMS
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva	UFPI
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo	UEMA
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca	UFPI
Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira	FURG
Profa. Dra. Yilan Fung Boix	UO (Cuba)
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme	UFT

### Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior

- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E82 Estudos filológicos de documentos dos séculos XVIII e XX [livro eletrônico] /  
Organizadoras Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto, Carolina Akie  
Ochiai Seixas Lima. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2021. 137p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-88319-80-2

DOI <https://doi.org/10.46420/9786588319802>

1. Filologia. 2. Linguística. I. Barreto, Josenilce Rodrigues de Oliveira. II.  
Lima, Carolina Akie Ochiai Seixas. III. Título.

CDD 410

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

## APRESENTAÇÃO

“Alimento é algo universal e geral. Algo que diz respeito a todos os seres humanos: amigos ou inimigos, gente de perto e de longe, da rua ou de casa, do céu e da terra. Mas a comida é algo que define um domínio e põe as coisas em foco. Assim, a comida é correspondente ao famoso e antigo de-comer, expressão equivalente a refeição, como de resto é a palavra comida. Por outro lado, comida se refere a algo costumeiro e sadio, alguma coisa que ajuda a estabelecer uma identidade, definindo, por isso mesmo, um grupo, classe ou pessoa” (DA MATTA<sup>1</sup>).

É da natureza humana a necessidade de alimentar-se para manter-se vivo e em vida e, por isso mesmo, o alimento é sagrado e consagrado como algo “universal e geral”, indispensável para a nossa existência. É também da natureza humana o hábito de nos reunirmos, seja ao redor de uma mesa ou de uma fogueira, em “grupo ou classe”, para garantirmos a equidade no partilhamento da comida entre os nossos semelhantes. Entretanto, para chegarmos a esse momento, perpassamos pelo ritual, individual e ao mesmo tempo coletivo, de preparo da comida, que abrandará ou saciará por completo o nosso estado de fome.

Assim como livros dispostos nas estantes de uma biblioteca, um *menu* gastronômico oferece a oportunidade de, a partir da escolha que se faz, saciar a fome do ser humano, até então, em estado de insaciedade, seja de conhecimento ou de comida, ambos parte da nossa natureza, humana e física, necessitada de aprendizado, acolhimento e alimento, principalmente em tempos como estes, em que uma pandemia já cessou a vida de mais de meio milhão de brasileiros, dentre os quais estavam cozinheiros(as), escritores (as), professores(as), pesquisadores(as), estudantes de graduação e de pós-graduação etc., gente que cuidava do corpo e da alma daqueles que eram os seus afetos, hoje em constante estado de dor, fome e sofrimento, abrandados, talvez, pela empatia, pela arte, pelo conhecimento e pelo alimento.

Foi para aquelas, dentre muitas outras pessoas, hoje presentes ou não neste mundo, que programas de pós-graduação foram criados, ao longo dos anos, aqui no Brasil, com a finalidade de oferecer a grupos variados de pessoas a oportunidade de continuar a sua formação acadêmico-profissional. É nesse contexto que se insere o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, doravante PPGEL, da Universidade Federal de Mato Grosso, criado em 2003, e que tem oferecido, em seu *menu*, um verdadeiro banquete de disciplinas, que contemplam áreas dos Estudos Linguísticos e Literários, que caracterizam e particularizam o referido Programa como fomentador da formação continuada de profissionais de Letras e Linguística do Estado de Mato Grosso e de outros Estados da Federação.

Em 2015, o PPGEL ampliou a oferta dos seus cursos e passou a oferecer, além do Curso de Mestrado, o de Doutorado, ambos com disciplinas em comuns, como é o caso do Componente Curricular *Estudos Filológicos*, de 60 h/a, ofertado, desde a criação do PPGEL, para alunos(as/es) regulares, especiais e/ou ouvintes da área de Estudos Linguísticos. No primeiro semestre deste ano, em especial,

---

<sup>1</sup> DA MATTA, R. *O que faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 22.

os trabalhos desenvolvidos pelas cursistas da referida disciplina, ministrada pela Profa. Dra. Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto, tiveram a sua finalidade ampliada: além de serem a atividade de avaliação final das estudantes (sim! Uma turma 100% feminina!), eles estão publicados neste, que é o primeiro resultado em forma de livro dos frutos, agora saboreados e advindos das discussões e dos artigos, produzidos na disciplina *Estudos Filológicos*.

Além dos trabalhos desenvolvidos no âmbito da referida disciplina, também estão reunidos nesta obra dois textos, os de número 04 e 08, produzidos por estudantes de Iniciação Científica das Universidades Federais de Mato Grosso e do Oeste da Bahia, em parceria com as suas respectivas orientadoras, então co-autoras. Cabe ressaltar que ambos os textos são frutos de pesquisas em desenvolvimento nas respectivas universidades e em consonância com a área de atuação e pesquisa das organizadoras deste livro, o que coaduna com os nossos objetivos de a) incentivar as iniciantes à pesquisa a produzir artigos científicos para serem publicados, e b) oferecer ao público textos que contribuam para a divulgação e disseminação das pesquisas em Filologia no Brasil.

Assim, com o objetivo de reunir e, ao mesmo tempo, dar visibilidade às produções das estudantes, que tomaram como aporte teórico-metodológico a Filologia Textual e as suas ciências auxiliares (Codicologia, Paleografia, Diplomática e História), a partir das quais desenvolveram análises de documentos dos séculos XVIII e XX, produzidos em terras brasileiras ou estrangeiras, organizamos este livro, cuja estruturação é apresentada a seguir.

Na primeira parte, intitulada *Estudos filológicos de manuscritos do século XVIII*, estão listados quatro trabalhos, produzidos a partir de manuscritos mato-grossenses do século XVIII, e desenvolvidos por Camila Viais Leite; Arlene Bispo da Silva e Glaciene da Silva Nascimento; Thaisa Maria Gazziero Tomazi; e Carolina Akie Ochiai Seixas Lima e Bruna Corrêa Araújo, conforme descritos nos parágrafos seguintes.

No primeiro capítulo, intitulado *Estudo filológico do Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira-MT, século XVIII*, Camila Viais Leite apresenta as edições fac-similar e semidiplomática do Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira-MT, documento histórico, produzido no século XVIII, a partir do qual a autora nos convida à mesa da Filologia e de suas ciências auxiliares, as quais dão suporte às análises histórica, codicológica, diplomática e paleográfica do referido manuscrito.

No segundo capítulo, intitulado *Edição semidiplomática e estudo codicológico e paleográfico de um manuscrito do século XVIII da Capitania de Mato Grosso*, Arlene Bispo da Silva e Glaciene da Silva Nascimento, primeiro, nos apetezem com informações oriundas de uma correspondência oficial, escrita pelo então ouvidor e destinada ao rei, acerca das disputas de terras entre portugueses e indígenas no Mato Grosso colonial, a partir do qual as autoras tecem considerações sobre a Filologia e as suas ciências auxiliares para, em seguida, apresentarem a edição do documento e as análises codicológica, paleográfica e grafemática de palavras do texto, como pratos principais do trabalho.

No terceiro capítulo, intitulado *Os bens dos soldados falecidos no Mato Grosso colonial – uma análise filológica de uma carta manuscrita*, Thaisa Maria Gazziero Tomazi nos serve, como prato de entrada,

considerações sobre a Filologia, a Codicologia e as normas de edição adotadas para nos apresentar, como prato principal, as edições fac-similar e semidiplomática, as análises ortográfica e paleográfica, e os aspectos sócio-históricos de uma carta manuscrita no Mato Grosso colonial, cujo teor é os bens materiais deixados por dois soldados mortos em combate.

No quarto capítulo, intitulado *Regimentos dos Capitães do Mato: Análise de alguns aspectos filológicos*, Carolina Akie Ochiai Seixas Lima e Bruna Corrêa Araújo nos apresentam um *menu* que vai da contextualização histórica do documento à revisão da literatura, metodologia, resultados e discussão, a partir dos quais as autoras tratam da edição, do estudo dos nomes de pessoas, dos rios e lugares, bem como das variações grafemáticas constantes no *corpus* selecionado, que se caracteriza como o escolhido para compor o último texto, que finaliza a primeira parte deste livro, que trata de estudos filológicos a partir de manuscritos mato-grossenses do século XVIII.

Já na segunda parte deste livro, intitulada *Estudos filológicos de documentos do século XX*, são listados mais quatro trabalhos, produzidos a partir de documentos, manuscritos ou impressos, escritos em lugares e por pessoas variadas no século XX, e desenvolvidos por Natasha Mayumi Machado Takinami e Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto; Cíntia Holzmann e Sonia Regina Lourenço; Débora da Silveira Campos; e Carla Souza da Cruz, Stéffany Montielly Fontes Freire e Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto.

No primeiro capítulo desta segunda parte, intitulado *Leitura crítico-filológica-discursiva de uma página do jornal Diário da noite (SP) sobre a colônia japonesa*, Natasha Mayumi Machado Takinami e Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto desenvolvem um estudo crítico-filológico-discursivo, a partir de uma página do periódico *Diário da Noite*, de São Paulo, datada de 3 de agosto de 1946, na qual há a descrição de um episódio, “envolvendo brasileiros e japoneses em um momento de ódio, violência e perseguição aos imigrantes”. A partir disso, as autoras apresentam a Filologia e a Análise do Discurso de linha francesa, como aportes teóricos para as análises do contexto histórico e dos elementos linguístico-discursivos relacionados ao preconceito, presentes no *corpus*.

No capítulo seguinte, intitulado *Nas rotas da Panagra: Estudo filológico de uma carta de María Rosa Oliver a Vinícius de Moraes*, Cíntia Holzmann e Sonia Regina Lourenço nos oferecem, além da contextualização da escolha do *corpus*, a edição, as análises codicológica e paleográfica de uma correspondência pessoal, escrita por María Rosa Oliver e dirigida a Vinícius de Moraes, bem como informações sobre a vida da escritora e a sua relação com o referido escritor e compositor, e com o período compreendido pelas cartas produzidas por aquela, e que compõem o *corpus* do trabalho ora apresentado.

No terceiro capítulo da segunda parte, intitulado *A primeira Escola de Auxiliar de Enfermagem em Mato - Grosso: anúncios de jornais sob o olhar filológico*, Débora da Silveira Campos realiza o estudo, a partir da Filologia, de anúncios de jornais do século XX, que veicularam a notícia da criação da primeira Escola de Auxiliar de Enfermagem em Mato Grosso. Para isso, contudo, a autora apresenta o contexto histórico no qual a referida escola foi criada, e seleciona, como *corpus* de estudo, oito anúncios de jornais, a partir

dos quais sinaliza a relevância da edição fac-similar para a reprodução desse tipo de registro histórico e analisa as “abreviaturas, o sistema consonantal, o sistema vocálico e o uso de diacríticos”, presentes no *corpus*, também explorado “ideológica e linguisticamente”.

No último capítulo, intitulado *Entre a Filologia e o Direito: edição e estudo do Direito das Sucessões em dois documentos baianos do século XX*, Carla Souza da Cruz, Stéffany Montielly Fontes Freire e Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto nos apresentam, em um primeiro momento, o conteúdo, as normas e as edições fac-similar e semidiplomática de um fólio de cada um dos dois processos cíveis selecionados como *corpus* do trabalho para, em seguida, discorrerem sobre o Direito das Sucessões no Brasil e suas implicações nos assuntos legais tratados no *corpus* do trabalho.

Com isso, esperamos oferecer, com a publicação deste livro, um material de leitura e consulta para estudantes de graduação, pós-graduação e pesquisadores da área, que buscam, a partir de livros como este, conhecer, saciar-se e deleitar-se nos estudos filológicos de documentos produzidos nos séculos XVIII e XX.

Desejamos que tenham uma ótima leitura e que, ao final desta, fiquem com aquele “gostinho de quero mais”!

**Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto**

**Carolina Akie Ochiai Seixas Lima**

## SUMÁRIO

Apresentação .....	4
Primeira parte: Estudos filológicos de manuscritos do século XVIII .....	12
Capítulo 1.....	13
<b>Estudo filológico do Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira-MT, século XVIII</b>	
<i>Camila Viais Leite</i>	
<b>Considerações iniciais</b>	13
<b>A Filologia e as ciências auxiliares: análises do Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira</b>	15
Contextualização histórica do documento	17
Edições fac-similar e semidiplomática: critérios adotados	19
Análise codicológica	24
Breve análise diplomática	25
Análise paleográfica	25
<b>Considerações finais e agradecimentos</b>	29
<b>Referências</b>	30
Capítulo 2.....	32
<b>Edição semidiplomática e estudo codicológico e paleográfico de um manuscrito do século XVIII da Capitania de Mato Grosso</b>	
<i>Arlene Bispo da Silva e Glaciene da Silva Nascimento</i>	
<b>Introdução</b>	32
<b>Filologia e linguística: Conceitos e interações</b>	33
<b>Critérios e proposta de edição do “MS F-1” e “MS V-2”</b>	34
<b>Contexto histórico do manuscrito MS F-1 e MS V-2</b>	39
<b>Estudos paleográfico e codicológico</b>	39
Análises codicológica e paleográfica do Manuscrito Ms F-1 e Ms V-2	40
<b>Considerações Finais</b>	43
<b>Referências</b>	43
Capítulo 3.....	45
<b>Os bens dos soldados falecidos no Mato Grosso colonial – uma análise filológica de uma carta manuscrita</b>	
<i>Thaísa Maria Gazziêro Tomazi</i>	
<b>Introdução</b>	45
<b>Entre a filologia, a Codicologia e a Edição: estudo do <i>corpus</i></b>	46

Breves comentários codicológicos	47
As normas para a edição do <i>corpus</i>	48
Edições fac-similar e semidiplomática	49
Características ortográficas do documento	51
Breves comentários paleográficos	53
Aspectos sócio-históricos do <i>corpus</i>	56
Considerações finais	57
Referências	57
<b>Capítulo 4.....</b>	<b>59</b>
<b>Regimento dos Capitães do Mato: Análise de alguns aspectos filológicos</b>	
<i>Carolina Akie Ochiai Seixas Lima e Bruna Corrêa Araújo</i>	
<b>Introdução</b>	<b>59</b>
<b>Contextualização histórica</b>	<b>60</b>
<b>Revisão de literatura</b>	<b>61</b>
<b>Metodologia</b>	<b>61</b>
<b>Resultados e discussão: autenticidade, datação e localidade</b>	<b>67</b>
Nomes de pessoas	68
Nomes de rios e lugares	70
Variação grafemática	71
<b>Considerações finais</b>	<b>72</b>
<b>Referências</b>	<b>73</b>
<b>Segunda parte: Estudos filológicos de documentos do século XX .....</b>	<b>75</b>
<b>Capítulo 5.....</b>	<b>76</b>
<b>Leitura crítico-filológica-discursiva de uma página do jornal <i>Diário da noite</i> (SP) sobre a colônia japonesa</b>	
<i>Natasha Mayumi Machado Takinami e Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto</i>	
<b>Introdução</b>	<b>76</b>
<b>Interfaces entre a filologia e a Análise do Discurso</b>	<b>77</b>
<b>Considerações interpretativas sobre o contexto histórico da publicação impressa do jornal <i>Diário da noite</i></b>	<b>79</b>
<b>Edição fac-similar e análise do <i>corpus</i></b>	<b>81</b>
<b>Elementos linguístico-discursivos relacionados à mentalidade de preconceito</b>	<b>81</b>
<b>Considerações finais</b>	<b>87</b>
<b>Referências</b>	<b>88</b>

<b>Capítulo 6.....</b>	<b>90</b>
<b>Nas rotas da Panagra: estudo filológico de uma carta de María Rosa Oliver a Vinícius de Moraes</b>	
<i>Cíntia Holzmann e Sonia Regina Lourenço</i>	
<b>Introdução</b>	<b>90</b>
<b>Proposta de análise filológica de uma carta de María Rosa Oliver</b>	<b>92</b>
Dos critérios à edição semidiplomática do corpus	92
A materialidade do corpus: A análise codicológica	95
O recto da carta de 03 de setembro de 1946	97
O verso da carta de 03 de setembro de 1946	98
O punho de María Rosa Oliver: características paleográficas	98
<b>Breve comentário sobre o <i>corpus</i></b>	<b>104</b>
“María Rosa” e “Vinicito”	104
A política, a cultura, os amigos	105
<b>Considerações Finais</b>	<b>107</b>
<b>Referências</b>	<b>107</b>
<b>Capítulo 7.....</b>	<b>109</b>
<b>A primeira Escola de Auxiliar de Enfermagem em Mato - Grosso: anúncios de jornais sob o olhar filológico</b>	
<i>Débora da Silveira Campos</i>	
<b>Introdução</b>	<b>109</b>
<b>A Filologia</b>	<b>109</b>
<b>A contextualização da fonte e do objeto</b>	<b>110</b>
<b>Apresentação do <i>corpus</i> e da edição fac-similar</b>	<b>112</b>
<b>Análise do <i>corpus</i></b>	<b>117</b>
Abreviaturas	117
Sistema consonantal	117
Sistema vocálico	117
Diacríticos	117
Funções adjetiva e transcendente	118
<b>Considerações finais</b>	<b>119</b>
<b>Referências</b>	<b>120</b>
<b>Capítulo 8.....</b>	<b>121</b>
<b>Entre a Filologia e o Direito: edição e estudo do Direito das Sucessões em dois documentos baianos do século XX</b>	
<i>Carla Souza da Cruz, Stéffany Montielly Fontes Freire e Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto</i>	
<b>Introdução</b>	<b>121</b>

<b>O CEDOC – Centro de Documentação e Pesquisa</b>	<b>122</b>
<b>A apresentação do <i>corpus</i></b>	<b>123</b>
<b>Sobre a escolha dos tipos, das normas e da apresentação das edições</b>	<b>124</b>
Sobre a escolha dos tipos de edição	124
Sobre as normas de edição	125
Sobre a apresentação das edições fac-similar e semidiplomática	126
<b>O Direito das Sucessões no Brasil e suas implicações nos dois processos cíveis estudados</b>	<b>130</b>
<b>Considerações finais</b>	<b>132</b>
<b>Referências</b>	<b>132</b>
<b>Índice Remissivo .....</b>	<b>134</b>
<b>Sobre as Organizadoras.....</b>	<b>136</b>

# Estudo filológico do Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira-MT, século XVIII

 10.46420/9786588319802cap1

Camila Viais Leite<sup>1\*</sup> 

“A Filologia concentra-se no texto, para explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado.” (SPINA, 1977).

## Considerações iniciais

À medida que uma ciência progride, são aprimorados e/ou ampliados seus campos de atuação, seu instrumental técnico, seu objeto, sua terminologia, afastando-se da subjetividade. Assim ocorreu com a Filologia, desenvolvida inicialmente como um sistema subjetivo de edição crítica, ganhando princípios científicos somente no século XIX (Spina, 1977), sendo considerada a partir disso, como “filologia moderna” ou “crítica textual moderna” (Spaggiari; Perugi, 2004). Ademais, como descrito:

**Filología.** Antigamente se designó así la ciencia que se ocupaba de fijar, restaurar y comentar los textos literarios, tratando de extraer de ellos las reglas del uso lingüístico. Modernamente, amplió su campo, convirtiéndose además en la ciencia que estudia el language, la literatura y todos los fenómenos de cultura de un pueblo o de un grupo de pueblos por medio de textos escritos. [...]². (Lázaro Carreter, 1990, grifo do autor).

Todavia, foi graças às contribuições daquela geração de filólogos alexandrinos e de tantas outras que preservaram os registros escritos para a posteridade, como também a memória de um povo responsável pela produção desses textos, que “Uma nova e ativa geração de pesquisadores brasileiros vem garimpando nosso passado linguístico em arquivos e bancos de dados, escavando o que *foi* para entender o que *é*.” (Castilho, 2007, grifos do autor).

Essas contribuições têm cada vez mais ampliado os métodos e as perspectivas de lidar com o objeto de estudo, que é o texto escrito, pois “[...] a Filologia não subsiste se não existe o texto [...]” (Spina, 1977) e “[...] o filólogo ainda hoje é o amigo da palavra, uma espécie de amante e intérprete de textos

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos de Linguagem, PPGEL-UFMT, bolsista CAPES/DS, membro do Grupo de Pesquisa Folium: Estudos de Crítica Textual, orientanda da Profa. Dra. Carolina Akie Ochiai Seixas Lima. E-mail: camilaviais@hotmail.com.

<sup>2</sup> Tradução minha: Filologia: Antigamente, designou-se na ciência que se ocupava de fixar, restaurar e comentar os textos literários, tratando de extrair destes as regras do uso linguístico. Atualmente, ampliou seu campo, tornando-se, além disso, na ciência que estuda a linguagem, a literatura e todos os fenômenos da cultura de um povo ou de um grupo de povos por meio de textos escritos.

[...]” (Martins, 2003), cuja função ainda hoje é realizar edições para preservar a história e a língua de um povo inscrito nos documentos.

Em vista disso, neste capítulo, foi realizado um estudo filológico do Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira<sup>3</sup>, manuscrito do século XVIII pertencente ao Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, cuja finalidade foi transcrever, editar e analisar o referido documento. Para isso, como metodologia, recorreu-se às Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos e Impressos/Edição Semidiplomática, do projeto PHPB (Para a História do Português Brasileiro), para a edição semidiplomática, apresentada, de forma justalinear à edição fac-similar do *corpus*.

Para a análise do documento, foram selecionadas como suporte teórico as obras de pesquisadores das áreas de Filologia e Codicologia (Spina, 1977; Cambraia, 2005; Santiago-Almeida, 2011), da Diplomática (Bellotto, 2008), e da Paleografia (Berwanger; Leal, 2008), dentre outras obras que tratam do estudo codicológico, diplomático e paleográfico de manuscritos. Dessa forma, foi descrito o suporte material e feitas ponderações sobre o atual estado de conservação do documento, foi analisado brevemente o seu tipo e a sua estrutura formal e foram levantadas algumas características da sua escrita, respectivamente.

Além dessas ciências, partiu-se da História para contextualizar as informações que foram registradas no manuscrito, a fim de promover uma leitura prévia e mais fluente do texto, pois “O filólogo, antes de tudo (e arriscamos dizer que principalmente), é um leitor de textos. Um leitor atento, crítico e que precisa mobilizar recursos de diversas ordens, histórica, social e linguística, por exemplo, no ato de leitura dos documentos antigos” (Ximenes; Alves, 2019). Disto compreende-se o porquê do caráter inter e transdisciplinar da Filologia, sinônimo de erudição (Spina, 1977).

Assim, este capítulo foi subdividido em quatro partes. A primeira foi composta pela explicação teórica sobre a Filologia e as suas ciências auxiliares, a fim de respaldar-se na teoria para, a partir disso, poder analisar o documento. A segunda parte foi composta pela contextualização histórica do documento, a fim de obter-se uma compreensão do cenário histórico no qual o manuscrito foi escrito. A terceira parte foi composta pela apresentação dos critérios adotados e das edições fac-similar e semidiplomática, a fim de preparar o texto manuscrito para a sua publicação. A quarta parte foi composta pela análise do documento, fundamentada nas ciências auxiliares da Filologia, especificamente a Codicologia, a Diplomática (com uma breve análise) e a Paleografia, a fim de realizar-se o estudo filológico. Por fim, a quinta parte foi composta pelas considerações finais, com uma síntese dos dados

---

<sup>3</sup> A escolha deste documento histórico justifica-se por fazer parte do *corpus* de pesquisa da autora deste capítulo e também por ter sido uma proposta de trabalho final para a disciplina *Estudos Filológicos*, ministrada pela Profa. Dra. Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto, no Programa de Pós Graduação de em Estudos de Linguagem (PPGEL), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

obtidos sobre as características do documento analisado, e pelos agradecimentos, seguidas das referências que embasaram este trabalho.

### **A Filologia e as ciências auxiliares: análises do Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira**

Não tem sido fácil determinar com precisão o âmbito da Filologia, cujos objetivos têm variado conforme as épocas em que se praticou a atividade filológica, conforme os autores que a exerceram e até os lugares em que ela floresceu. Se fizermos abstração desses fatores, podemos dizer que, embora complexíssimo, o labor filológico tem seu campo específico e tanto quanto possível bem determinado. Visto que a Filologia não subsiste se não existe o texto (pois é o texto a razão de ser), partamos dele para, de uma forma abrangente, configurar o seu campo. (Spina, 1977).

Da antiguidade à contemporaneidade, múltiplas são as formas do “fazer” filológico, pois não há um consenso entre os estudiosos da área sobre a definição do termo “Filologia“. O consenso existente é o de que o termo continua a ser empregado de modo polissêmico e que suas origens remontam ao período helenístico, com os filólogos alexandrinos. Estes, “[...] têm que ser citados como iniciadores da crítica textual, mesmo se o seu método de trabalho, no que diz respeito à reconstituição do texto, fosse ainda muito rudimentar [...]” (Spaggiari; Perugi, 2004). Logo, é a edição crítica de textos a mais antiga das formas de fazer Filologia - da concepção clássica - de Filologia como Crítica Textual.

Vê-se, portanto, que a crítica textual é um campo do conhecimento com nítida afinidade à filologia (ambas têm o texto como objeto de estudo), embora o objetivo daquela (restituir a forma genuína de um texto) seja mais restrito do que esta (explorar um texto de forma global) (Cabraia, 2012).

De acordo com Cabraia (2005, grifos do autor), apesar da polissemia do termo, há uma tendência de associá-lo ao “*estudo global de um texto*, ou seja, a exploração exaustiva e conjunta dos mais variados aspectos de um texto: linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico, etc”.

Decorre dessa concepção que não há teoria e método específicos para o exercício da filologia, já que, para cada aspecto a ser explorado (linguístico, literário, crítico textual etc.), se devem eger teorias e métodos que lhe sejam pertinentes (por exemplo, teoria funcionalista para o estudo linguístico, teoria estruturalista para o estudo literário, teoria lachmanniana para o estudo crítico-textual etc.) - dessa forma, o que caracteriza propriamente o exercício da filologia é o fato de um pesquisador ocupar-se de um mesmo texto da forma mais ampla possível, articulando diferentes aspectos em prol de uma compreensão mais ampla e profunda do seu significado (Cabraia, 2012).

Assim também, na concepção de Santiago-Almeida (2011, grifos do autor), existe essa filologia no sentido mais amplo - *lato sensu* - que “[...] se dedica ao estudo da língua em toda a sua plenitude - linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico etc. - no tempo e no espaço, tendo como objeto o texto escrito, literário e não literário [...]”, e no sentido mais estreito – *stricto sensu* - que “[...] se concentra no texto escrito, primordialmente literário, para estabelecê-lo, fixá-lo, restituindo-lhe à sua genuinidade, e prepará-lo para publicação. [...] É aqui também que se configura o conceito de *crítica textual, edótica* ou *edótica*.”

Ao passo que se fala em filologia, fala-se em crítica textual e edótica porque desde o princípio suas funções estão associadas em prol da edição e preservação dos registros escritos de um povo. Essas três formas ou perspectivas de atuação do filólogo/crítico textual têm em comum o objeto de estudo, que é o texto escrito, mas com objetivos, *corpus*, metodologias e procedimentos diferentes, ou seja, atuam sob prismas distintos para com o texto. Em razão disso, se fala em Filologia/ Crítica Textual/ Edótica para determinar e diferenciar o seu foco de atuação e o seu tratamento para com o texto, quer dizer, o que de fato distinguirá uma da outra será o “olhar” para o texto, uma vez que “Toda a análise se desenvolve a partir da singularidade do material, é o objeto que dita o comportamento a ser adotado pelo pesquisador: se antigo ou moderno, de testemunho único ou múltiplo, inédito ou édito” (Carvalho, 2003).

Assim, por exemplo, a Filologia Textual equivale à filologia mais ampla e tem como *corpus* de estudo os documentos monotestemunhais. Enquanto a Crítica textual equivale à filologia com objetivo mais restrito e tem como *corpus* de estudo os documentos politestemunhais, tanto literários quanto não-literários. A Edótica, por sua vez, tem por finalidade realizar a divulgação do texto ao público, através de procedimentos técnicos que serão distintos para a filologia textual e para a crítica textual, conforme os tipos de edição. No entanto, “[...] essa filologia não difere, em sua essência, daquela que se fazia anteriormente, ou seja, enquanto disciplina do saber, continua estudando a língua e a literatura” (Carvalho, 2003).

Portanto, a filologia depende, acima de tudo, do objeto de estudo, ou seja, do que o texto reclamará para, assim, o filólogo, ou editor, ou crítico textual, escolher, determinar e adequar suas intenções às concepções filológicas, sejam das mais antigas, sejam das mais contemporâneas, como, por exemplo, a visão sociocognitiva e interacional da “Filologia Textual” (Alves, 2016), que vai além da materialidade do texto, o que faz retornarmos à orientação de Spina (1977) expressa nas linhas finais da epígrafe, desta primeira seção, e nas três funções da atividade filológica, que evidenciam o seu caráter interdisciplinar. Desta forma, como todas (ou quase todas) as ciências modernas percorrem por vários campos do conhecimento, assim também é caracterizada a filologia.

Nesse sentido, conforme Cambraia (2005), existem algumas áreas em especial que têm impacto direto sobre a atividade do filólogo/crítico textual a saber: a Codicologia, a Diplomática, a Paleografia, dentre outras. Visto que o intuito deste capítulo foi apoiar-se nessas ciências para analisar o documento mencionado, segue explicação sintética de suas funções para este estudo filológico.

A Codicologia refere-se ao aspecto material do documento, sendo através dela possível identificar os elementos codicológicos, como: a presença de carimbos, filigranas, encadernação, os recursos de organização do texto, a quantidade de punho, o tipo e a cor do papel, o tipo de tinta, do instrumento de escrita e as condições nas quais se encontram o documento. Portanto, “[...] é atinente exclusivamente ao conhecimento do material empregado na produção do manuscrito (*Scriptoria*) e das condições materiais

em que esse trabalho se verificou [...]” (Spina, 1977), embora já tenha pertencido ao campo da Paleografia e da Diplomática (Spina, 1977).

A Diplomática refere-se à estrutura textual do documento, sendo possível reconhecer a sua configuração e a sua tipologia por meio dos elementos característicos que constituem o texto. Portanto, “[...] por definição, ocupa-se da estrutura formal dos atos escritos de origem governamental e/ou notarial [...]” (Bellotto, 2008), embora já tenha sido relacionada à Paleografia, em outros tempos, para conferir a autenticidade do documento (Bellotto, 2008).

A Paleografia refere-se aos caracteres gráficos do texto, sendo possível decifrar e descrever as características da escrita de determinado documento, para que o editor possa aproximar e estabelecer a forma genuína deste. Portanto, “[...] compreende-se o estudo da escrita antiga, conforme a etimologia grega da palavra: paleos (antiga) + graphein (escrita). [...]” (Berwanger; Leal, 2008), embora já tenha sido confundida com a Diplomática, em outros tempos, já que nasceram juntas (Berwanger; Leal, 2008).

### **Contextualização histórica do documento**

A História é, sem dúvida, a disciplina que maiores pontos de contacto apresenta com a Filologia, pois o objeto e o método de ambas são os mesmos: o texto e o método crítico. Estremar as duas disciplinas não seria de todo ocioso, visto que não só os historiadores, mas os próprios filólogos laboram em confusão quando falam nos serviços prestados à História pela Filologia e vice-versa. (Spina, 1977).

O documento selecionado para a edição apresentada neste capítulo é um Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira, acerca do lançamento da pedra fundamental, registrado em 20 de junho de 1776, com a presença e assinatura do 4º Governador da Capitania de Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres; do engenheiro genovês, responsável pelas primícias dessa construção, Domingos Sambucete; do primeiro comandante daquela fortaleza, o Capitão de Dragões da Capitania de Goiás, José de Mello da Silva e Vilhena; dentre outros mencionados no último fólio do documento, nas linhas 8, 9, 10, 11 e 12, incluindo a identificação do escrivão nas linhas 15 e 16, além de outras duas assinaturas finais, nas linhas 25 e 26.

Composto por 2 fólhos, que se encontram disponíveis para acesso no site da Superintendência de Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (SAP-MT) com identificação discriminada na Figura 1.

Área de identificação	
Código de referência	BR MTAPMT RFP-AU-0002
Título	AUTO de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira, assinado pelo Governador e Capitão General da Capitania de Mato Grosso Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres.
Data(s)	• 1776, Junho, 20 (Produção)
Nível de descrição	Dossiê / Processo
Dimensão e suporte	02 folhas
Área de contextualização	
Nome do produtor	Real Forte Príncipe da Beira
Entidade custodiadora	Superintendência de Arquivo Público
Área de condições de acesso e uso	
Características físicas e requisitos técnicos	Documento parcialmente dilacerado, manusear com cuidado
Pontos de acesso	
Pontos de acesso de assunto	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Rio</li> <li>• Militar</li> <li>• Obra pública</li> <li>• Forte Militar</li> <li>• Tropa Militar</li> <li>• Pedra</li> <li>• Construção</li> </ul>
Pontos de acesso local	• Forte Príncipe da Beira
Área de controle da descrição	
Nota do arquivista	Referência Anterior: 60 Fundo: Governadoria Lata: 1776 A

**Figura 1.** Ficha catalográfica. Fonte: Superintendência de Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

O Real Forte Príncipe da Beira (RFPB) é um Patrimônio Cultural Brasileiro, tombado em 1950, pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Está localizado no atual município de Costa Marques (Rondônia), margem direita do rio Guaporé, frente ao território boliviano. Possui um formato quadrangular, feito de rochas avermelhadas, pela mão de obra de vários trabalhadores – escravizados, índios, negros, militares e portugueses – com estruturas da moderna engenharia militar do século XVIII, as quais serviram como residências, alojamentos, capela, hospital, armazéns de víveres e petrechos para abrigá-los.

O RFPB constitui uma memória do triunfo da coroa portuguesa no Centro-Oeste da Capitania de Mato Grosso, pois “[...] serviu como mais um ponto de fixação da fronteira [...]” (Siqueira, 2017), no processo de colonização das terras mato-grossenses, que foram incorporadas ao território da América Portuguesa pelo movimento dos bandeirantes e pelo avanço lusitano para o Oeste, com a descoberta de ouro no século XVIII e, conseqüentemente, com as demarcações pelos Tratados de Madrid (1750) e Santo Idelfonso (1777), uma vez que “Tordesilhas já fora rompido” (Siqueira, 2017).

A construção foi motivada no período Albuquerqueano (1772-1789) que, dentre as estratégias de ocupação no Mato Grosso, foi responsável, assim como os governantes anteriores, pela guarnição das zonas limítrofes do Brasil setecentista, especialmente às margens do rio Guaporé, onde as fronteiras espanholas e portuguesas terminaram por se encostar (Siqueira, 2017). Em vista disso, já haviam destacamentos de missões anteriores, como a Guarda de Santa Rosa de Mojo ou Santa Rosa Velha (1743), a qual se tornou Forte de Nossa Senhora da Conceição (1760), e depois Forte de Bragança (1769), sendo substituído pelo Forte Príncipe da Beira (1775), devido aos estragos causados pelas chuvas e cheias do Guaporé.

Assim, o RFPB “[...] foi criado com o propósito de evitar o contrabando do ouro, assegurar a vigilância dos rios que davam passagens para a Capitania de Mato Grosso, assim como, de intimidar as invasões por espanhóis naquela fronteira [...]” (Barroso, 2015). Desse modo, “[...] daria continuidade ao papel desempenhado pelo Forte de Bragança, que era o de assegurar a navegação do rio Guaporé com o Estado do Grão-Pará e Maranhão [...]” (Chaves, 2011). Logo, “[...] deveria servir de sustentáculo ao domínio português, naquele rio, perante as arremetidas do vizinho Vice-Reinado do Peru, ao mesmo tempo permitindo ao governo de Mato Grosso prestar atenção ao rio Paraguai [...]” (Nunes, 1985).

Por fim, foi observado, neste Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira, uma inscrição em latim, com menção a D. José I (rei de Portugal), o qual ordenou o levantamento desse forte, entre as estratégias da política pombalina de ocupação no Mato Grosso, em que assumiu destaque Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres (Siqueira, 2017). Além disso, da linha 21 do fólio 1r até a linha 5 do fólio 2v, foi registrada a consagração dos baluartes do RFPB com nomes de santos e de Nossa Senhora, pois fazia parte da tradição católica portuguesa essa forma de homenagem (Costa; Cintra, 2016).

### ***Edições fac-similar e semidiplomática: critérios adotados***

A escolha de um dos tipos fundamentais de edição para ser aplicado a um texto exige especial reflexão do crítico textual, pois cada tipo tem características muito próprias e distintas. Por isso, dois aspectos, em especial, devem ser necessariamente observados: o público-alvo almejado e a existência de edições anteriores. (Cabraia, 2005)

Desde o surgimento da Filologia, enquanto Crítica Textual, o objetivo principal do trabalho filológico é a edição de texto, em que “[...] editar significa realizar um conjunto complexo de operações das quais fazem parte não apenas a transcrição mas também a proposição de conjecturas, a seleção de variantes (em uma ed. crítica), a apresentação do texto, etc. [...]”. (Cabraia, 2005).

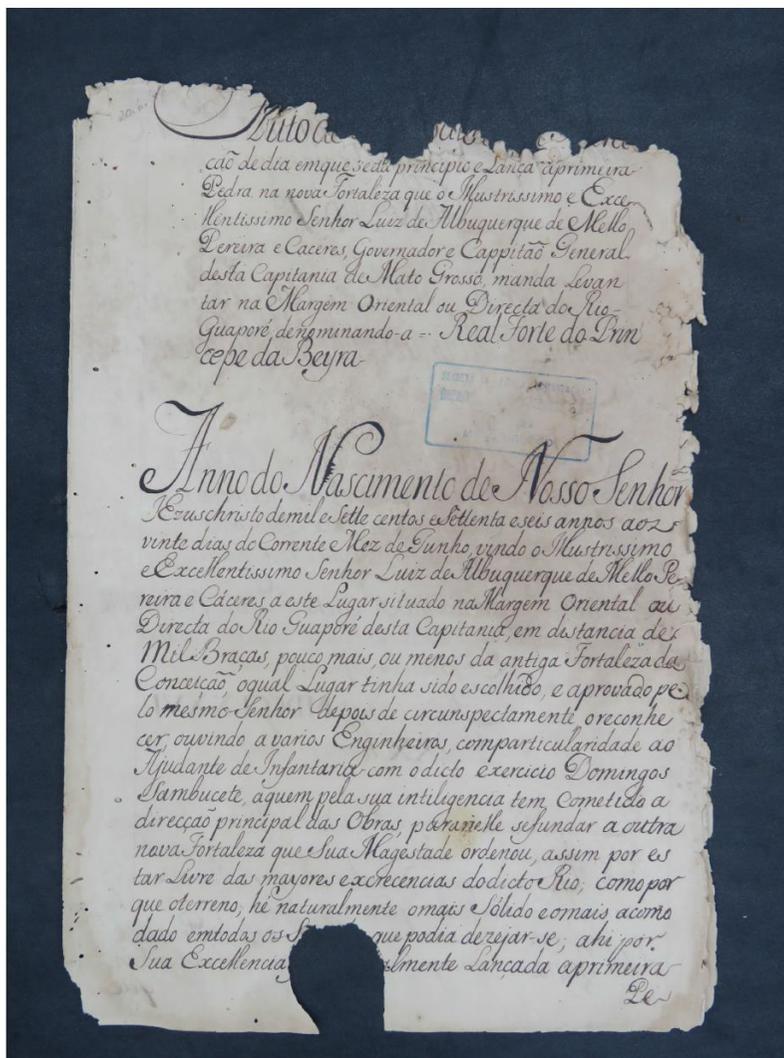
Em vista disso, dentre os tipos de edição apontados por Cabraia (2005) e por considerar que a escolha depende da “reflexão do crítico textual”, ou seja, do próprio editor, optou-se, para este trabalho, por dois tipos de edição: a fac-similar e a semidiplomática. Esta por permitir uma intervenção mediana, por parte do editor, para facilitar a leitura do texto a um público mais amplo, e aquela, por reproduzir a imagem do testemunho, possibilitando ao leitor a comparação entre as características originais do

documento e as intervenções. Em decorrência disso, entendeu-se estar salvaguardando o conteúdo e a grafia do referido documento, bem como a história, cultura e língua de um povo para a posteridade. Além de oferecer aos pesquisadores de diversas áreas do conhecimento o acesso àquela fonte, que pode suscitar outros trabalhos, portanto, mais contribuições científicas acerca daquele documento.

Os critérios adotados para a transcrição do documento seguem as normas do projeto PHPB, das quais foram aplicadas e adaptadas as seguintes:

1. A transcrição foi conservadora.
2. As abreviaturas foram desenvolvidas e sinalizadas em itálico.
3. Não foi estabelecida fronteira de palavras que vieram escritas juntas, nem se introduziu hífen ou apóstrofo onde não houvesse.
4. A pontuação original foi mantida.
5. A acentuação original foi mantida.
6. Foi respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não foi considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra propiciou a melhor solução.
7. Intervenções de terceiros no documento original aparecem em nota de rodapé, informando-se a localização.
8. Intervenções do editor foram raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida, e vieram entre colchetes. Enquanto as dúvidas sobre a decifração de letras, parte de ou vocábulo inteiro, vieram entre colchetes e em itálico.
9. Letra ou palavra(s) não legíveis por deterioração ou rasura justificaram intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [.] para letras, [*ilegível*] para vocábulos e [*ilegível* + n linhas] para a extensão de trechos maiores.
10. Letra ou palavra (s) simplesmente não decifradas, sem deterioração do suporte justificaram intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [?] para letras, [*int.*] para vocábulos e [*int.* + n linhas] para a extensão de trechos maiores.
11. Foi conservada a divisão de linhas do documento original sem o uso da barra vertical.
12. A mudança de fôlio no documento manuscrito recebeu a marcação entre colchetes.
13. As linhas foram numeradas de cinco em cinco a partir da quinta. A contagem foi feita por fôlio.

Feita a devida apresentação dos critérios adotados para a edição semidiplomática, apresenta-se, a seguir, as edições fac-similar e semidiplomática justalinear do documento.

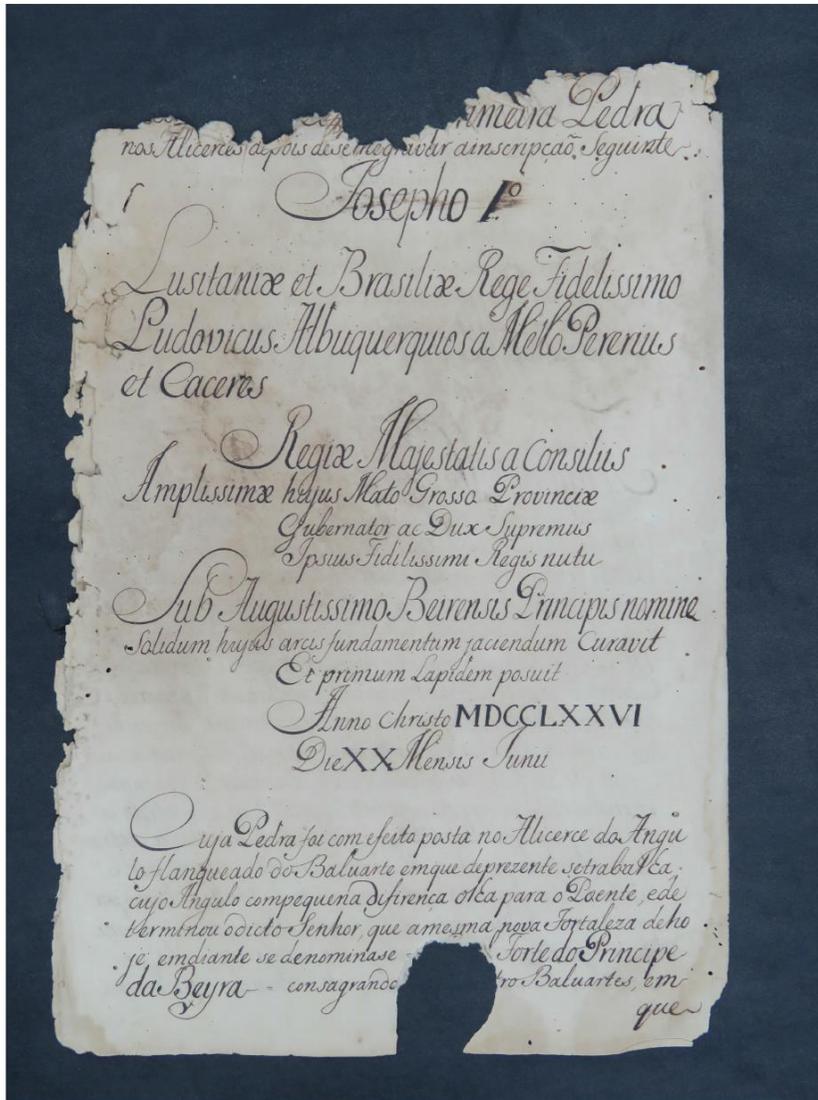


Nota 1: À esquerda do título, na margem superior, encontra-se escrito por outro punho a inscrição: '20. 6. 76'.

Nota 2: Na margem centro-direita superior encontra-se um carimbo pertencente ao Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

- Auto de [ilegível]  
 caõ de dia emque se da principio e Lança a primeira  
 Pedra na nova Fortaleza que o Ilustrissimo e Exce-  
 lentissimo Senhor Luiz de Albuquerque de Mello  
 05 Pereira e Cáceres, Governador e Cappitão General  
 desta Capitania de Mato Grosso, manda Levan-  
 tar na Margem Oriental ou Directa do Rio-  
 Guaporé denominando-a = Real Forte do Prin-  
 cepe da Beyra
- 10 Anno do Nascimento de Nosso Senhor  
 IEzus christo de mil e Sette centos eSetenta e seis annos aos  
 vinte dias do Corrente Mez de Junho, vindo o Illustrissimo  
 eExcellentissimo Senhor Luiz de Albuquerque de Mello Pe-  
 reira e Cáceres a este Lugar situado na Margem Oriental ou  
 15 Directa do Rio Guaporé desta Capitania, em distancia de  
 Mil Braças, pouco mais, ou menos da antiga Fortaleza da  
 Conceição, o qual Lugar tinha sido escolhido, e aprovado pe-  
 lo mesmo Senhor depois de circunspectamente, o reconhe-  
 cer, ouvindo a varios Engenheiros, comparticularidade ao  
 20 Ajudante de Infantaria com o dicto exercicio Domingos  
 Sambucete, a quem pela sua intelligencia tem Cometido a  
 direcção principal das Obras, para nelle sefundar a outra  
 nova Fortaleza que Sua Magestade ordenou, assim por es-  
 tar Livre das mayores excrecencias do dicto Rio; como por  
 25 que o terreno, hé naturalmente o mais Sólido e o mais acom-  
 dado em todos os [entidos] que podia dezejar-se; ahi por  
 Sua Excellencia [foi pessoa]lmente Lançada a primeira

Pe



[ilegível] [a pr]imeira Pedra

nos Alicerces depois de selhe gravar a inscripção seguinte

e  
Iosepho *Primeiro*

Lusitanae et Brasiliae Rege Fidelissimo

05 Ludovicus Albuquerque a Mello Pererius  
et Caceres

Regiae Majestatis a Consiliis

Amplissimae hujus Mato Grosso Provinciae

Gubernator ac Dux Supremus

10 Ipsius Fidelissimi Regis nutu

Sub Augustissimo Beirensis Principis nomine

Solidum hujus arcis fundamentum jaciendum Curavit

Et primum Lapidem posuit

Anno christo 1776

15 Die 20 Mensis Iunu

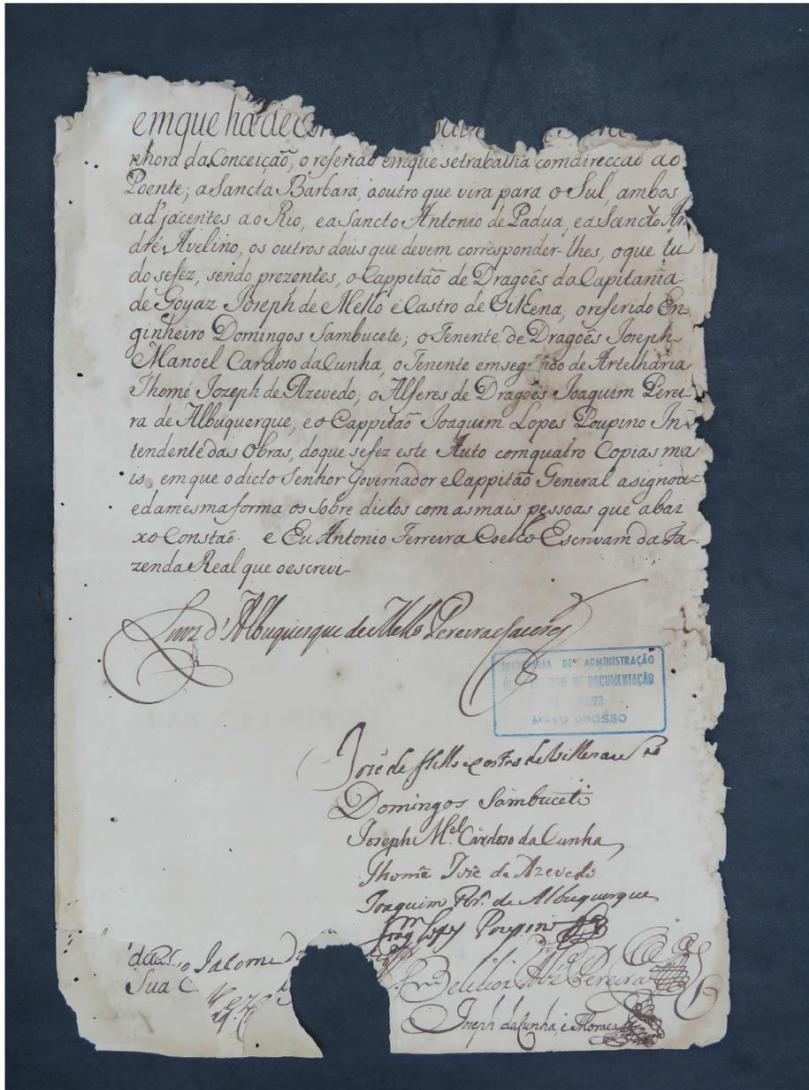
Cuya Pedra foi com efeito posta no Alicerce do Angulo  
flanqueado do Baluarte em que de presente se  
trabalha

cujo Angulo com pequena diferenca olha para o Poente,  
e de

terminou o dicto Senhor, que a mesma nova  
Fortaleza deho

20 je em diante se denominase [Real] Forte do Principe  
da Beyra = consagrando [-se os quat]ro Baluartes, em

que



em que ha de [consistir; a saber: Nossa Se]  
 nhora da Conceição, oreferias emque se trabalha com direcção ao  
 Poente; a Sancta Barbara, o outro que vira para o Sul, ambos  
 ad'jacentes ao Rio, ea Sancto Antonio de Padua , e a Sancto An  
 05 dré Avelino, os outros dous que devem correponder-lhes, oque tu  
 do sefez, sendo presentes , oCappitão de Dragoês daCapitania  
 de Goyaz Ioseph de Mello eCastro de Vilhena; o referido En  
 ginheiro Domingos Sambucete; o Tenente de Dragoês Ioseph  
 Manoel Cardoso daCunha, o Tenente emseg[un]do de Artelharia  
 Thomé Ioseph de Azevedo; o Alferes de Dragoês Ioaquim Perei  
 10 ra de Albuquerque, e oCappitão Ioaquim Lopes Poupino In  
 tendente das Obras, do que sefez este Auto com quatro Copias ma  
 is em que o dicto Senhor Governador eCappitão General assignou  
 E damesmaforma os sobre dictos com as mais pessoas que abai  
 15 xoConstão [espaço] e EuAntonio FerreiraCoelhoEscrivam daFa  
 zenda Real que o escrevi

Luiz d'Albuquerque deMello PereiraeCaceres

Iozé deMello eCastro deVilhena [?]  
 Domingos Sambucete  
 Ioseph Manuel Cardoso daCunha  
 20 Thomê Iozê de Azevedo  
 Ioaquim Pereira deAlbuquerque  
 JoaquimLopes Poupino  
 [ilegível] [Iacome d] [ilegível] + 3 linhas  
 25 Sua [ilegível] [Mez] [Beliliox] AlvarezPereira  
 [ilegível] Ioseph daCunha, eMoraes

Nota 3: Na margem centro-direita inferior encontra-se um carimbo pertencente ao Arquivo Público do Estado de Mato Grosso.

### Análise codicológica

O manuscrito, de único punho, iniciado no verso, encontra-se em estado avançado de degradação somente nas margens. Observa-se que na ficha catalográfica do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, o documento é caracterizado como “parcialmente dilacerado”, pois está carcomido das margens até partes do texto escrito, o que pode ser notado nas margens superiores e inferiores, e nas laterais dos dois fólhos, o que se justifica pela própria ação do tempo, a partir da qual evidencia-se uma mudança na cor original do papel em contraste com as manchas amarronzadas, e pela atuação dos agentes biológicos, os papirógrafos, que criaram orifícios no papel.

Por conta do estado de deterioração do papel, recomenda-se manuseá-lo “com cuidado”, como pede o Arquivo, para evitar mais danos ao suporte material. Vale destacar que o manuseio adequado é um dos princípios básicos para evitar maior degradação, seguido dos métodos de preservação, conservação e restauração. Estes procedimentos devem ser realizados por profissionais capacitados, enquanto que a ação cautelosa do manuseio deva ser realizada por todos os indivíduos ao se depararem com documentos antigos, em bom ou mal estado de conservação. Logo, quanto mais degradado estiver o documento maior deverá ser a atenção e o cuidado.

Além disso, um documento corroído pode impossibilitar uma leitura completa, havendo perdas de informações, como foi constatado em algumas partes do documento, o que demandou a inserção da expressão “[ilegível]” para vocábulos, de acordo com os critérios de edição. Nesses casos, o editor não tem mais o que reconstituir, pois o que se vê foi deteriorado. No entanto, foi possível encontrar em Nunes (1985) - o qual retrata a história do Real Forte Príncipe da Beira - partes do registro desse Auto de Fundação e, assim, foi justificável e permissível a reconstituição de vocábulos e trechos das linhas 26 e 27, do fólho 1r; das linhas 1, 20, 21 e 23 do fólho 1v; e das linhas 1 e 9 do fólho 2r.

Outro fator que pode comprometer a compreensão do texto é o tipo de tinta, a qual pode ocasionar manchas, que podem atravessar de um fólho a outro, por exemplo, ou pode esmaecer no decorrer do tempo. A que se faz presente no documento analisado tem um aspecto mais amarronzado e não provocou borrões, com exceção de um leve borrão na linha 3 do fólho 1v. No mais, o que podem ser vistos são os respingos da tinta, sobretudo nas margens dos fólhos, e em alguns traçados com mais derramamento de tinta do que outros.

Além disso, há presença de “reclamo”<sup>4</sup> ou “reclame”<sup>5</sup>, o qual indica a sequência ou forma de organização dos fólhos, compostos por<sup>6</sup> uma palavra sem fronteira “aprimeira” (linha 27 do fólho 1v) e a sílaba “Pe” (linha 28 do fólho 1v), e por duas palavras “em” (linha 21 do fólho 1r) e “que” (linha 22 do

<sup>4</sup> Conforme Cambraia (2005), “O reclamo consistia na parte de uma palavra, em uma palavra inteira ou ainda em um grupo de palavras que se colocava, fora da mancha, à direita da margem de pé da página, repetindo o que devia estar no início da coluna, página ou caderno que se seguiria.”

<sup>5</sup> Para Dias (2018), “O reclame era justamente aquela letra ou pedacinho de palavra, ou mesmo uma palavra inteira, que era colocada no fim da página e se repetia no começo da página seguinte.”

<sup>6</sup> Classificação proposta por Dias (2018) de tipos ou categorias de reclame.

fólio 1r); e há presença de dois carimbos molhados identificados e localizados em nota de rodapé, conforme os critérios de edição.

### Breve análise diplomática

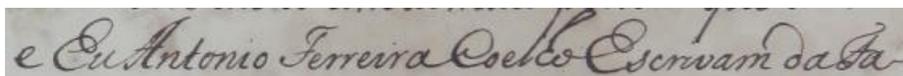
A tipologia documental do manuscrito em questão, como o próprio título indica, é um “Auto”. Nesse sentido, também, na ficha catalográfica do Arquivo Público, observa-se que se trata de um “Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira“. Portanto, auto é um

documento diplomático testemunhal de assentamento, horizontal. Relato pormenorizado de um acontecimento com a finalidade, em geral, de conduzir um processo a uma decisão (*auto de abertura de testamento, auto de partilha*), ou um infrator a uma sanção (*auto de infração, auto de flagrante, auto de corpo de delito*). Protocolo inicial: timbre do órgão que realiza o auto. Título que designa o tipo de auto. Designação de data cronológica e local (que também pode não constar no protocolo inicial e sim no final). Texto: nomes da(s) pessoa(s) autuada(s), motivo da autuação, penalidade se for o caso. Protocolo final: datas tópica e cronológica (se não tiver sido designada antes). Assinatura da autoridade e designação de seu cargo. (Obs.: Usa-se a palavra *autos* como sinônimo de processo, isto é, como o conjunto de todos os documentos de diferentes espécies que compõem um processo administrativo ou judicial) (Bellotto, 2008, grifos da autora).

A partir disso, pode-se identificar os elementos que caracterizam essa tipologia documental, como o “protocolo inicial”, o qual se refere ao primeiro parágrafo do fólio 1r, contendo a data tópica; o “texto” que compreende o segundo parágrafo do fólio 1r, contendo a data cronológica, até o último parágrafo do fólio 1v, em continuidade do fólio 2r; e o protocolo final contendo as assinaturas.

### Análise paleográfica

Pode-se observar que o manuscrito em análise tem uma escrita humanística cursiva e tipos caligráficos regulares, simples e de fácil compreensão, o que reflete o cuidado, a habilidade, o estilo e a clareza do escriba ao traçar as letras, com inclinação à direita e respeito às margens. Mesmo nas ligaduras entre algumas palavras, que demonstram mais rapidez do punho ao manusear o instrumento de escrita, o *ductus* é bem nítido, como no exemplo a seguir:

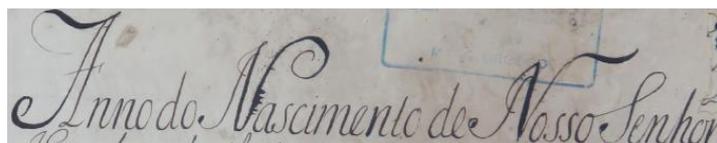


**Figura 2.** Exemplo de ligaduras entre as palavras: “EuAntonio”, “FerreiraCoelhoEscrivam” e “daFa” (fólio 2v, linha 15). Fonte: Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira.

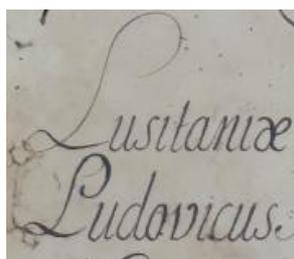
São nessas linhas finais do texto que o escriba se identifica e assina como Antonio Ferreira Coelho, escrivão da Fazenda Real, ou seja, da Provedoria da Fazenda Real da Capitania de Mato Grosso, de Vila Bela da Santíssima Trindade – até então capital e sede administrativa de Mato Grosso, no período colonial. Logo, pertencente a um órgão, “[...] com a finalidade de melhorar a fiscalização da arrecadação dos direitos reais e regular a administração fazendária em terras brasileiras[...].” (CAMARGO, 2013, *online*).

Assim sendo, tratava-se do responsável pela produção dos registros de fundação de fortificações e povoamentos, por exemplo. Depreende-se, com isso, o porquê das mãos hábeis e diligentes.

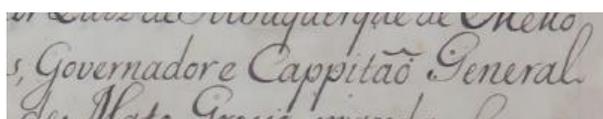
Nesse sentido, de escrita produzida com esmero e mais aprimorada, é que foi traçada cada consoante e vogal, cada maiúscula e minúscula, com ou sem hastes, com ou sem caudas, com ou sem delineios, de diferentes tipos e tamanhos, com traços finos e grossos, com arabescos, com formas reduzidas e com variantes. Posto isso, seguem alguns exemplos, dentre tantos outros, que podem ser observados em cada fólio do documento.



**Figura 3.** Letras com hastes e delineios, sem cauda, sendo a letra <N>, maiúscula, traçada com hastes e delineios diferentes, se comparadas. (fólio 1v, linha 10). Fonte: Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira.



**Figura 4.** Exemplo de letra maiúscula <L> com tamanhos diferentes (fólio 1r, linha 4-5). Fonte: Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira.



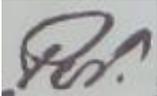
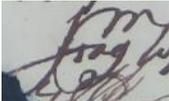
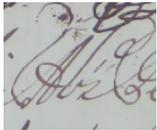
**Figura 5.** Exemplo de letras com cauda <G> e <p> que chegam a ultrapassar a linha inferior, encostando na letra da linha seguinte (fólio 1v, linha 5). O mesmo acontece com as letras com haste <G> que encosta na linha superior e o <l> final que ultrapassa a linha superior. Fonte: Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira.



**Figura 6.** Exemplo de arabescos ao final das assinaturas (fólio 2v, linhas 23, 25 e 26). Fonte: Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira.

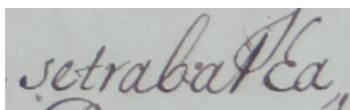
Outro elemento paleográfico encontrado no documento são as abreviaturas, identificadas a partir de Flexor (2008), organizadas no quadro, a seguir, por ordem de aparecimento no documento. Vale destacar que o quadro foi dividido em 4 colunas, organizadas da seguinte maneira: na primeira há o recorte da imagem (o fac-símile), na segunda a transcrição conservadora da respectiva abreviatura, na terceira o seu desdobramento, com as letras omitidas marcadas em *itálico*, e na quarta e última coluna a indicação do fólio e da linha, onde se encontra a abreviatura no manuscrito em questão.

**Tabela 1.** Abreviaturas do Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira. Fonte: Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira.

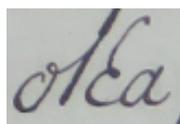
Fac-símile	Transcrição	Desdobramento	Fólio/Linha
	1º	<i>Primeiro</i>	1r/3
	MDCCLXXVI	<i>1776</i>	1r /14
	XX	<i>20</i>	1r /15
	M. <sup>el</sup>	<i>Manuel</i>	2v/20
	Per. <sup>a</sup>	<i>Pereira</i>	2v/22
	Joaq. <sup>m</sup>	<i>Joaquim</i>	2v/23
	Alz	<i>Alvarez</i>	2v/25

Partindo da classificação de Flexor (2008), pode-se dizer que as três primeiras abreviaturas, presentes na tabela, fazem parte do que a autora intitulou como “outras abreviaturas e sinais”, sendo que a primeira se refere aos “ordinais”, indicando, no texto, a ordem de sucessão do reinado “Ioseph I” (D. José I), e as outras duas abreviaturas referem-se aos “algarismos romanos”, indicando, no texto, o ano e o dia da fundação do RFPB. O restante das abreviaturas é considerado como “abreviaturas propriamente ditas”, “com letras sobrescritas”, ou seja, com a sobreposição da(s) última(s) letra (s) da palavra, que neste caso são nomes próprios, assinados ao final do documento, com exceção da última abreviatura que é “por contração ou síncope”, pois “[...] faltam letras do meio do vocábulo [...]” (Flexor, 2008).

Por fim, vale apontar que a variante mais enigmática, num primeiro momento de decifração, foi a do grafema <h> que se assemelha com um <e> maiúsculo, como pode ser constatado nas figuras 7 e 8, localizadas no fólio 1r, nas linhas 17 e 18, respectivamente.

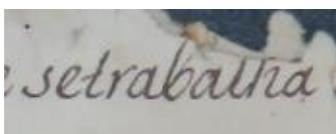


**Figura 7.** grafema <h> na inscrição “se trabalha”.



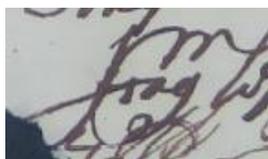
**Figura 8.** grafema <h> na inscrição “olha”.

A solução para a correta decifração do <h> veio no fólio seguinte, na linha 2, onde aparece a mesma palavra registrada na figura 7, novamente acompanhada da partícula <se>. Assim, foi possível comparar.



**Figura 9.** grafema <h> na inscrição “se trabalha”.

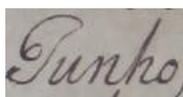
Outro traço que causou ainda mais confusão e incerteza foi a distinção entre <i> maiúsculo e o <j> maiúsculo. No entanto, ao chegar no último fólio, na linha 23, deparei-me com diferente e único traçado apresentado no documento:



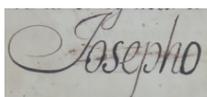
**Figura 10.** grafema <j> maiúsculo no prenome <Joaquim>.

A solução encontrada para diferenciar o <i> maiúsculo do <j> maiúsculo foi observar o trajeto de formação desta letra em comparação com as demais. Assim, foi constatado que esta letra, da figura 10, tem cauda, logo estaria mais próxima da letra <j>. Diferentemente das outras, que não possuem

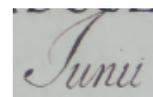
cauda, logo estariam mais próximas do traçado da letra <i>, como pode ser visto em algumas de suas variações:



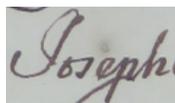
**Figura 11.** “Inho” (fol.1v/l.12).



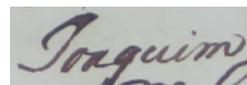
**Figura 12.** “Iosepho” (fol.1r/l.03).



**Figura 13.** “Iunu” (fol.1r/l.15).



**Figura 14.** “Ioseph” (fol.2v/l.20).



**Figura 15.** “Ioaquim” (fol.2v/l.22).

Outro caminho adotado para sanar as dúvidas em relação à diferença dos traçados das referidas letras foi adotar, como parâmetro para a leitura do documento apresentado neste trabalho, o alfabeto elaborado por Megale et al. (2015), extraído de documentos editados do século XVIII, pois, de acordo com os autores, embora cada escriba apresente diferentes tipos caligráficos, suas particularidades, existe um padrão de escrita para tal século.



**Figura 16.** Exemplo do traçado das letras <i> e <j> do alfabeto elaborado por Megale et al. (2015).

Com isso, foi possível concluir que a letra inicial da palavra <Joaquim>, na figura 10, é a letra <j> maiúscula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS E AGRADECIMENTOS

Diante do que foi apresentado aqui, não há como negar que o estudo filológico é imprescindível para resguardar os textos escritos da destruição temporal, instigar a consciência da comunidade científica em prepará-los, fidedignamente, para servir como fonte de pesquisa para outras áreas também fazerem suas contribuições, e preservar a memória de um povo que produziu tais documentos.

A partir das ciências auxiliares da Filologia, sobretudo da Codicologia, da Diplomática e da Paleográfica, foi possível identificar características do Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte Príncipe da Beira. Da Codicologia foram obtidos dados sobre o suporte material, como o seu estado de conservação, a cor da tinta, a forma de organização dos fólios e a intervenção de terceiros no documento. Da Diplomática foram obtidos dados breves sobre a tipologia documental e sua estrutura textual. E da

Paleografia foi obtido dados gerais sobre os tipos caligráficos. Além dessas, foi obtido, através da História, dados prévios para compreender e reconstituir os fatos históricos do documento.

Em suma, é fato que há outros aspectos do texto que podem ser explicados, dado o caráter transdisciplinar da Filologia e da sua concepção ampla de conceber o objeto e configurar seu campo, já que diversas são as formas do “fazer” filológico, conduzidas sempre a partir do texto escrito para editá-lo.

Por fim, agradeço à Profa. Dra. Carolina Akie Ochiai Seixas Lima, pelas orientações e pelos acompanhamentos, sempre em busca de fazer-me superar meus limites nesse mundo científico, especialmente no da Filologia. Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, onde esta pesquisa de mestrado está sendo desenvolvida e a oportunidade de fomento, através da Bolsa Capes/DS. E, agradeço à Profa. Dra. Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto, pelo esmero nas correções, pelas atenciosas sugestões feitas neste trabalho e pela disponibilidade, além dos horários de aula, de solucionar as dúvidas e exercitar as respostas, indicando, reiteradamente, mais leituras.

## REFERÊNCIAS

- Alves LEP (2016). Filologia textual e linguística textual: estudo de textos setecentistas à luz da teoria da acessibilidade. Fortaleza: Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará (Dissertação), Ceará. 223p.
- Alves LEP; Ximenes EE (2019). Uma revisão do conceito de texto e suas implicações para os estudos filológicos. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 21(1): 25-42.
- Barroso LS (2015). Real Forte Príncipe da Beira: ocupação oeste da Capitania de Mato Grosso e seu processo construtivo (1775-1783). Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Editora Versos Seremos. 204p.
- Bellotto HL (2008). Diplomática e tipologia documental em arquivos. 2 ed. Brasília: Briquet de Lemos. 106p.
- Berwanger AR; Leal JEF (2008). Noções de Paleografia e Diplomática. 3. ed. rev. e ampl. Santa Maria: editoraufsm. 124p.
- Cambraia CN (2005). Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes. 216p.
- Cambraia CN (2012). Crítica Textual. In: Gonçalves AV; Góis MLS (Org.). Ciências da linguagem: o fazer científico?. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Carvalho RBS (2003). A Filologia e seu objeto: Diferentes Perspectivas de Estudo. *Philologus. Revista do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos*, 26(9): 44-50.
- Castilho AT (2007). Prefácio. In: Naro AJ; Scherre MMP (Org.). *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.

- Chaves OR (2011). Saberes e práticas na fronteira oeste da América portuguesa, século XVIII. Ferreira MM (org.). Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH - Associação Nacional de História. São Paulo: ANPUH. 1-18p.
- Costa GG; Cintra JP (2016). Os engenheiros militares italianos na Amazônia do século XVIII: Antonio Galluzzi e Domingos Sambucetti. Costa AG; Santos MMD (Org.). 3º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Belo Horizonte: UFMG. 136-146.
- Dias EN (2018). De uma página a outra: o reclame em livros manuscritos e impressos dos séculos XVI a XIX. 1. ed. São Paulo: Miró Editorial. 143p.
- Flexor MHO (2008). Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX. 3. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 599p.
- Lázaro Carreter F (1990). Diccionario de términos filológicos. 3. ed. corrig. Madrid:Gredos. 443p.
- Martins Ceila MFBR (2003). Sobre o retorno à Filologia. Cadernos do CNLF. 3(10): online.
- Megale H et al. (2015). São Carlos, SP: Editora Cubo. 361p.
- Nunes JMS (1985). Real Forte Príncipe da Beira. Rio de Janeiro: Spala Editora/Fundação Emílio Odebrecht. 375p.
- Projeto Para A História Do Português Brasileiro (PHPB). Plataforma de Corpora PHPB. Normas de Edição do PHPB 2a Versão. Disponível em:  
<https://sites.google.com/site/corporaphpb/home/normas-de-edicao-do-phpb-2a-versao>.  
 Acesso em: 19 jul. 2021.
- Provedores/Provedorias Da Real Fazenda. Arquivo Nacional: Memória da Administração Pública Brasileira – Mapa. CAMARGO, AR, Fev. 2013. Dicionário período colonial. Disponível em:  
<http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/207-provedores-provedorias-da-real-fazenda>. Acesso em: 08 jul. 2021.
- Santiago-Almeida MM (2011). Para que Filologia/Crítica Textual. Revista Acta. 1(1) :19-30.
- Siqueira EM (2017). História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais. 2 ed. atual. e ampl. Cuiabá, MT: Entrelinhas Editora. 288p.
- Spaggiari B; Perugi M (2004). Fundamentos da crítica textual. Rio de Janeiro: Lucerna. 407p.
- Spina S (1977). Introdução à edótica: crítica textual. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo. 153p.
- Superintendência de Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Auto de Fundação do Real Forte Príncipe da Beira. Disponível em: <http://atom.apmt.mt.gov.br/atom/index.php/auto-de-fundacao-da-fortaleza-do-real-forte-principe-da-beira-assinado-pelo-governador-e-capitao-general-da-capitania-de-mato-grosso-luis-de-albuquerque-de-melo-pereira-e-caceres>. Acesso em: 08 jul. 2021.

## ÍNDICE REMISSIVO

**A**

abreviaturas, 7, 20, 27, 28, 35, 42, 43, 47, 48, 49,  
54, 55, 62, 93, 99, 102, 111, 118, 125, 126  
Ação Ordinária de Deserção, 123  
Análise Filológica, 58  
Antônio Rolim de Moura, 60  
anúncios de jornais, 6, 110, 113, 120  
Arquivo Público de Mato Grosso, 33, 41, 60,  
63, 64, 65, 66, 69, 73  
Auto de Fundação da Fortaleza do Real Forte  
Príncipe da Beira, 5, 14, 17, 19, 25, 26, 27, 30

**B**

bens dos soldados falecidos, 5, 46

**C**

Capitania de Mato Grosso, 5, 17, 18, 19, 25, 30,  
32, 41, 45, 46, 57, 58, 61, 62, 69, 70, 73, 74  
carta manuscrita, 5, 46  
Centro de Documentação e Pesquisa, 123  
Codicologia, 5, 6, 14, 16, 30, 34, 41, 96  
colônia japonesa, 6, 77, 78, 80, 81, 83, 88  
Cuiabá, 31, 33, 40, 41, 45, 58, 59, 62, 74, 75,  
113, 121

**D**

Diplomática, 5, 25, 47, 62, 92, 121  
Direito das Sucessões, 7, 122, 123, 125, 131,  
133  
documento, 5, 6, 14, 16, 17, 20, 24, 25, 26, 27,  
28, 29, 30, 33, 35, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 57,  
58, 60, 61, 62, 63, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 78,  
79, 80, 82, 92, 94, 96, 98, 111, 114, 123, 124,  
126, 127  
documentos baianos, 7, 122

**E**

edição fac-similar, 7, 14, 47, 64, 74, 77, 82, 88,  
92, 96, 114, 120, 125  
edição semidiplomática, 14, 20, 33, 34, 35, 43,  
44, 49, 61, 62, 63, 67, 70, 93, 96, 125, 126,  
127  
ensino de enfermagem, 112  
Estudo Filológico, 5, 6, 58, 126

**F**

fac-símile, 27, 63, 78, 82, 88, 93, 96, 99, 126,  
131  
Filologia, 5, 6, 7, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 30, 31,  
33, 34, 44, 45, 47, 58, 62, 77, 79, 88, 89, 90,  
96, 108, 110, 111, 118, 119, 121, 122, 123,  
126, 133

**G**

grafemas, 103, 104

**H**

história, 5, 14, 17, 30, 31, 35, 45, 46, 49, 59, 62,  
74, 75, 79, 85, 86, 89, 93, 110, 120, 121, 123,  
133

**I**

Instrumento de Agravo, 124, 130

**J**

Jornal *Diário da noite*, 6, 77, 78

**L**

Leitura crítico-filológica-discursiva, 6, 77  
Luiz Pinto de Souza Coutinho, 60, 63, 64

**M**

manuscrito, 5, 14, 16, 20, 24, 25, 27, 32, 35, 40,  
41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 52, 54, 57, 58, 60,  
61, 62, 63, 64, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 92, 96,  
102, 114, 123, 125, 126  
María Rosa Oliver, 6, 91, 92, 94, 95, 96, 103,  
106, 107, 108  
Mato Grosso, 4, 5, 6, 14, 17, 18, 19, 21, 22, 23,  
24, 26, 31, 32, 33, 37, 39, 40, 42, 44, 46, 48,  
58, 59, 60, 61, 62, 63, 70, 71, 72, 74, 75, 77,  
91, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 121

**N**

nomes de pessoas, 6, 61, 74  
normas de edição, 6, 33, 58

**O**

ortografia, 52, 118, 120

**P**

Paleografia, 5, 14, 16, 17, 30, 31, 34, 40, 111, 123

preconceito, 6, 78, 79, 82, 85, 87, 88

*primeira Escola de Auxiliar de Enfermagem*, 6, 110, 120

pseudoetimológico, 52

**Q**

quilombo, 70

**R**

Regimentos, 6, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73

Rio

Galera, 72

Guaporé, 18, 19, 72

Paraguai, 19

rios e lugares, 6, 61, 74

**S**

século

XVIII, 5, 6, 14, 18, 29, 31, 32, 33, 34, 42, 44, 46, 52, 58, 59, 61, 62, 72, 73, 74, 93

XX, 6, 7, 78, 79, 85, 93, 112, 122, 126, 133

Shindo Renmei, 77, 80, 81, 83, 85, 86, 87, 88

**T**

tomadas, 60, 67, 72

transcrição, 19, 20, 27, 35, 49, 62, 63, 74, 93, 102, 109, 114, 125, 126

**V**

Vila Bela da Santíssima Trindade, 26, 57, 60, 61, 62, 69, 70, 72, 74, 75

Vinícius de Moraes, 6, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 103, 106, 107, 108

violência, 6, 77, 78, 79, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 90

## SOBRE AS ORGANIZADORAS



  **Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto**

Doutora em Filologia e Língua Portuguesa (2020), pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa (USP), Mestre em Estudos Linguísticos (2014), pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (UEFS), Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (2013), pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI) e Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas (2011), pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente é Professora Adjunta de Língua Portuguesa do Centro das Humanidades da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOP), onde é Coordenadora do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades e dos Projetos de Pesquisa *Edição filológica do patrimônio documental do Oeste da Bahia* e *Estudo filológico-linguístico de documentos jurídicos da Bahia do século XX*. É Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), onde tem orientado pesquisas no âmbito dos estudos filológicos e linguísticos. É Pesquisadora do *Folium* - Grupo de

Estudos Interdisciplinares de Linguística, Filologia e História; Membro do conselho editorial e revisora de trabalhos da *Graduando: entre o ser e o saber: revista acadêmica da Graduação em Letras* e da *Discentis: Revista Científica da Universidade do Estado da Bahia - Campus XVI*, bem como sócia efetiva da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE). Além disso, tem desenvolvido pesquisas e publicado artigos, capítulos de livros, orientações de iniciação científica e de mestrado, que se alinham com a área de concentração em Estudos Linguísticos, mais especificamente com a linha de pesquisa 3 – História, descrição, análise e documentação de línguas faladas no Brasil, pertencente ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: josenilce.barreto@ufob.edu.br.

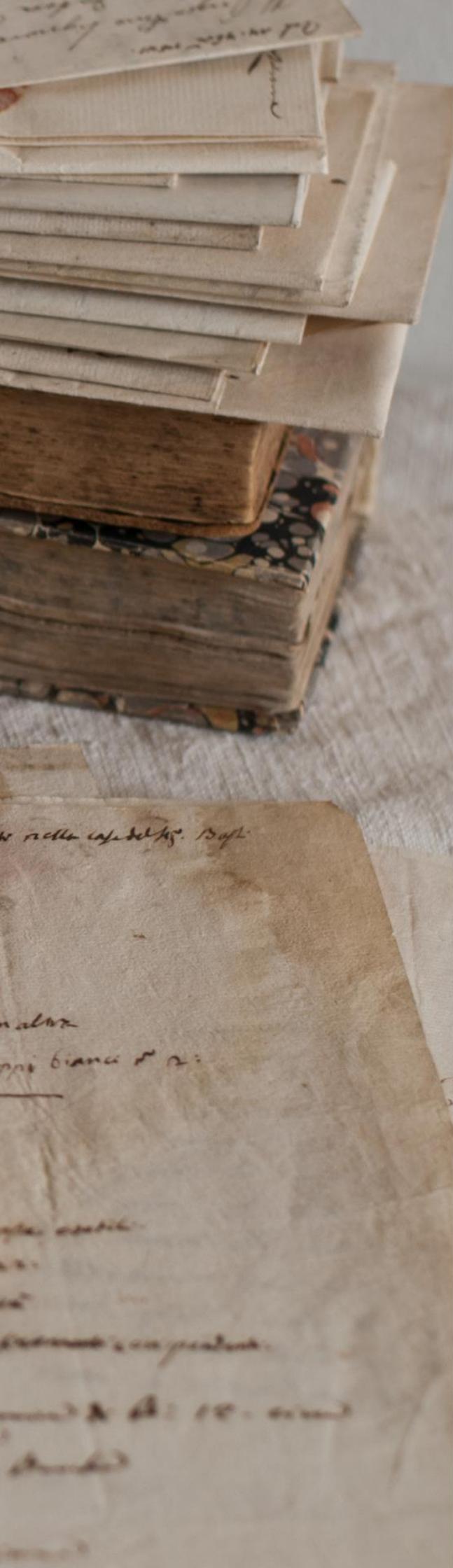


  **Carolina Akie Ochiai Seixas Lima**

Doutora em História (2018), pelo Programa de Pós-graduação em História (UFMT), Mestre em Estudos de Linguagem (2007), pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (UFMT) e Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas (1999), pela Universidade Federal de Mato Grosso. Após conclusão do mestrado, em 2007, foi aprovada no Concurso Público para a carreira do Magistério Superior da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Cuiabá. Como docente desta IES, atualmente, ministra as disciplinas de Latim e Filologia Românica. Foi coordenadora do Curso de Letras, entre 2009 e 2012. Coordenou o Projeto de Extensão - Latim I e Latim II e orientou graduandos no Projeto - Tutoria em Língua Portuguesa e no Projeto - Monitoria em Latim. Publicou em 2012 a obra “Guia de Estudos Latinos - Língua Dux Pedis - vol. 1” (EdUFMT) e em 2016 a obra “Guia de Estudos Latinos - Docendo Discimus - vol. 2” (EdUFMT), resultado do trabalho de Monitoria em Latim que faz parte do Programa Institucional da PROEG/UFMT. Ainda, coordenou por 3 anos a Revista Acadêmica

(impresa) “Borboletas”, resultado do Projeto de Extensão da UFMT. Foi editora-chefe, durante os anos

de 2018 a 2020, do Periódico Científico Polifonia pertencente ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (UFMT) do qual, atualmente, é coordenadora. É líder do Grupo de Pesquisa “FOLIUM”, criado em 2019. Em 2020, publicou a obra “Um Apocalipse para o Rei” (Ed. Appris), resultante da pesquisa desenvolvida durante o doutorado em História. Tem publicado artigos e capítulos de livro nas áreas da Filologia e da História. Como docente permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (UFMT) tem orientado pesquisas no âmbito dos Estudos Filológicos e Linguísticos, e, também tem coorientado trabalhos de doutorado, na área dos Estudos Linguísticos. Todos os trabalhos desenvolvidos, artigos, capítulos de livro, orientações de iniciação científica, mestrado e doutorado têm aderência com a área de concentração em Estudos Linguísticos e com a linha de pesquisa 3 – História, descrição, análise e documentação de línguas faladas no Brasil, pertencente ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: carolina.lima@ufmt.br.



ISBN 978-658831980-2



**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)